

Bem viver no Cariri: o Instituto Aldeia da Luz e as ideias para adiar o fim do mundo

Bien vivir en Cariri: el Instituto Aldeia da Luz y ideas para posponer el fin del mundo

Rebecca Pinheiro Sedrim¹, Marcelo Cavalieri Teixeira²,
Francisca Laudeci Martins Souza³

1. Mestranda em Educação
Universidade Regional do Cariri (URCA)
E-mail: rebecca.sedrim@urca.br

2. Mestrando em Educação
Universidade Regional do Cariri (URCA)
E-mail: marcelo.cavalieri@urca.br

3. Doutora em Educação (UERJ)
Universidade Regional do Cariri – Mestrado
Profissional em Educação (URCA)
E-mail: Laudeci.martins@uece.br

Artigo Original

Resumo: Esse artigo consiste em um relato de experiência sob a perspectiva dos conceitos de Bem Viver (Acosta, 2016) e Giro decolonial (Quijano, 2005). Se articula a partir das reflexões presentes no livro *Ideias para Adiar o Fim do Mundo* de Ailton Krenak (2019) e de uma vivência presencial realizada no Instituto Aldeia da Luz, localizado em Juazeiro do Norte, sul do Ceará, sob a égide da disciplina Etnoconhecimento e Educação Escolar, ministrada no Mestrado Profissional em Educação – MPEDU, da Universidade Regional do Cariri – URCA, no segundo semestre de 2023. Objetiva relacionar o mundo teórico dos conceitos presentes nas obras referenciadas à vivência na oficina temática “Ecologia dos saberes” que integrou a disciplina acima mencionada, cujo texto desencadeador foi o livro de Krenak (2019). A metodologia consiste em um relato de experiência. Foram experiências práticas de territorialidade na região do Cariri cearense. Especificamente nessa oficina, tivemos a oportunidade de articular a temática da Ecologia dos saberes, a importância da diversidade política e científica para a compreensão do território educador do Cariri; o mergulho nas leituras em torno do giro decolonial, bem viver, decolonialidade e as ideias para adiar o fim do mundo. Como resultado vimos a importância do Instituto Aldeia da Luz como espaço fortalecedor das reflexões que nos apresenta Krenak, bem como espaço de imersão viva na ecologia de saberes diversos e construtores de outros mundos.

Palavras-chave: Bem Viver; Estudos decoloniais; Ailton Krenak.

Resumen: Este artículo consiste en un relato de experiencia desde la perspectiva de los conceptos de Bem Viver (Acosta, 2016) y Giro decolonial (Quijano, 2005). Se articula a partir de las reflexiones presentes en el libro *Ideias para Adiar o Fim do Mundo* de Ailton Krenak (2019) y una experiencia presencial realizada en el Instituto Aldeia da Luz, ubicado en

Juazeiro do Norte, al sur de Ceará, con el auspicio de la disciplina Etnoconocimiento y Educación Escolar, impartido en la Maestría Profesional en Educación – MPEDU, de la Universidad Regional del Cariri – URCA, en el segundo semestre de 2023. Tiene como objetivo relacionar el mundo teórico de los conceptos presentes en los trabajos hicieron referencia a la experiencia en el taller temático “Ecología del conocimiento” que formó parte de la citada disciplina, cuyo texto desencadenante fue el libro de Krenak (2019). La metodología consiste en un relato de experiencia. Se trata de experiencias prácticas de territorialidad en la región de Cariri, en Ceará. Específicamente en este taller tuvimos la oportunidad de articular el tema de la Ecología del conocimiento, la importancia de la diversidad política y científica para la comprensión del territorio educativo de Cariri; sumergirse en lecturas en torno al giro decolonial, el buen vivir, la decolonialidad e ideas para posponer el fin del mundo. Como resultado, vimos la importancia del Instituto Aldeia da Luz como un espacio que fortalece las reflexiones que Krenak nos presenta, así como un espacio para vivir la inmersión en la ecología de conocimientos diversos y constructores de otros mundos.

Palabras-clave: Buen Vivir; Estúdios decoloniales; Ailton Krenak.

Introdução

Esse artigo consiste em um relato de experiência sob a perspectiva dos conceitos de Bem Viver (Acosta, 2016) e Giro decolonial (Quijano, 2005). Se estrutura a partir das reflexões presentes no livro Ideias para Adiar o Fim do Mundo de Ailton Krenak (2019) e de uma vivência presencial realizada no Instituto Aldeia da Luz, localizado em Juazeiro do Norte, sul do Ceará, sob a égide da disciplina Etnoconhecimento e Educação Escolar, ministrada no Mestrado Profissional em Educação – MPEDU, da Universidade Regional do Cariri – URCA, no segundo semestre de 2023.

De modo geral, objetiva relacionar o fundo teórico dos conceitos presentes nas obras referenciadas acima à vivência na oficina temática “Ecologia dos saberes” que integrou o plano operacional da disciplina acima mencionada, cujo texto desencadeador foi o livro de Krenak (2019).

Como caminho metodológico assumimos o relato de experiência. O mesmo compreende um texto acadêmico de natureza narrativa, descritiva e reflexiva, cuja base é o referencial teórico da área do conhecimento em

questão em relação com a empiria da vivência e de onde se espera a produção de reflexões que fortaleçam a expansão dos conceitos subjacentes, bem como a indicação dos caminhos trilhados e das novas possibilidades por estes abertas.

Além dessa introdução e da conclusão, o texto está estruturado em três partes distintas e complementares quais sejam: a base de sustentação teórica de experiência, a metodologia da mesma, bem como o que compreendemos como resultados e discussão da vivência.

Bem Viver e o giro decolonial na base das ideias para adiar o fim do mundo

O Bem Viver, *Buen Vivir* ou *Vivir Bien* é um conceito em construção e que surge a partir dos conceitos *suma qamaña*, dos Aymarás, e *sumak kawsay*, dos Quéchuas, que expressam “[...] um conjunto de ideias centradas nos sistemas de conhecimento, prática e organização dos povos andinos” (Solón, 2019, p. 19). O autor nos aponta que, com as medidas neoliberais implementadas na segunda metade do século XX tais como os processos de privatização e mercantilização dos bens comuns; a demissão em massa de milhares de trabalhadores nas economias da América Andina; e a aceleração dos processos de financeirização e globalização houve uma mudança estrutural econômica nos países andinos¹. A composição desse cenário em termos econômicos fortaleceu a luta por reconhecimento e inserção dos povos indígenas e camponeses na pauta de discussão e interesses dos setores da esquerda e dos intelectuais progressistas da América Latina.

¹ Entende-se por países andinos o grupo formado por Colômbia, Equador, Bolívia, Chile, Peru e Venezuela.

Ou seja, a crise de natureza econômica oportunizou um deslocamento de uma centralidade no “bem estar”² que imperou desde o fim da segunda guerra mundial por um redirecionamento para o “bem viver”. Sobre este é importante marcar como um conceito que se alimenta de múltiplas fontes tais como fundamento filosófico dos povos andinos makipurarina, que significa um trabalho que beneficie toda a comunidade, onde atividades como a construção de moradias ou de lavoura acontecem pela via dos laços comunitários. Para o economista equatoriano Alberto Acosta (2016), o bem viver representa sabedorias alternativas para as crises ecológicas, sociais e políticas que assolam todo o mundo. Desse modo, a práxis de povos originários, marginalizados e periféricos da América Latina e de territórios emergentes compõem a essência da filosofia do *Bem Viver*. A vida de um ser humano em harmonia consigo mesmo, com o outro e com a natureza.

Nesse contexto e alinhados com o pensamento de Acosta (2016), esse trabalho toma o *Bem Viver* como uma visão decolonial em contraposição ao conceito eurocêntrico de bem-estar, na medida e que, além das contribuições indígenas - andinas e amazônicas - e dos aprendizados que possamos ter com os povos que sempre conviveram harmonicamente com a natureza, há sintonia com movimentos tais como o ecofeminismo, o marxismo e o humanismo.

O Bem Viver é um conceito simples de ser vivido e complexo de ser definido. Como marcadores que nos ajudam a pensar e sistematizar, Solón

² Compreende-se por bem-estar a situação de riqueza gerada a partir de uma relação direta entre os fatores de produção e a geração de emprego e renda numa economia. Sendo assim, o bem-estar econômico oportuniza o bem-estar social que é atingido a partir do crescimento econômico.

(2019) nos brinda com cinco elementos centrais para uma maior aproximação com sua essência.

Em primeiro lugar, apresenta a visão do todo ou da Pacha, ou seja, a compreensão de que tudo está interconectado e que não há como separar o espaço e tempo. Desse modo, a dinâmica temporal é tomada de uma forma não linear, em que o passado, o presente e o futuro se relacionam de maneira dinâmica, como nos agracia Krenak (2022) no título do seu último livro, “futuro ancestral”, que rompe com a separação ilusória do tempo. Solón (2019) afirma, ainda, nesse primeiro elemento central que temos de aprender a “[...] comer bem, dançar bem, dormir bem, beber bem [...]” (p. 26).

Um outro elemento diz respeito a convivência na multipolaridade onde “[...] indivíduo e comunidade são pólos de uma mesma unidade” (p. 26), pois o humano não existe independente. Há, na verdade, interconexão e intersubjetividade.

Por sua vez, a busca por equilíbrio compreende que o mesmo é um processo dinâmico, cíclico e que vai contra a noção de desenvolvimento atrelada ao consumo, primeiro porque busca um equilíbrio em oposição ao crescimento e segundo, como nos diz Acosta (2016), porque questiona a própria noção de desenvolvimento. Diferente do modelo convencional que tem centralidade no crescimento econômico e no progresso linear, o Bem Viver pensa a partir da interação entre os seres humanos e destes com a Natureza. Nesse elemento, sentimos o onírico de Chico César na sua música de crítica social “Reis do agronegócio” (2015): “Mas até hoje, na verdade, nunca houve um desenvolvimento tão destrutivista”

Como quarto elemento: a complementaridade da diversidade, ou seja, “o equilíbrio entre contrários que habitam um todo só é possível

através da complementaridade, sem anular o outro” (Solón, 2019, p. 30). Esse elemento, vai contra a lógica capitalista da competitividade, pois almeja a combinação de forças, o trabalho coletivo apontado no makipurarina,

E, por último, a descolonização: encerrar com os conceitos falsos e estrangeiros e voltar os olhos ao início, às origens, às raízes.

A partir da compreensão do conceito de Bem Viver fortalecida pelos elementos de Solón (2019), em específico os apontamentos sobre a importância da descolonização do saber, nos aproximamos - como uma segunda coluna conceitual da experiência aqui relatada - do conceito de Giro Decolonial.

Explicar o decolonial não é uma tarefa simples, pois trata-se de um campo - principalmente - epistêmico ainda não muito explorado pelos intelectuais brasileiros da área de humanidades. Contudo, a discussão vem ganhando espaço tanto nas instituições universitárias públicas, quanto em movimentos sociais independentes do Estado tais como os coletivos e ONGs (Gohn, 2011).

Para darmos sustentação a essa discussão precisamos antes compreender que para os intelectuais que fortalecem a corrente teórica decolonial, a teoria pós-colonial é a base da radicalização que dá forma e sentido aos constructos da decolonialidade. Desse modo, o pós-colonialismo surge ao lado dos processos de independências dos países africanos e é subjacente ao conjunto do movimento de desmistificação do sistema coercitivo imposto ao continente ao longo dos séculos de escravização e comercialização de corpos, da colonização econômica e violação da cultura.

Desse modo, o giro decolonial compreende a crítica feita pelo grupo de intelectuais pós-coloniais que nasce para questionar o trono do iluminismo europeu que prega democracia, racionalidade e liberdade como grades universais de vontade de eurocentrismo. A proposta é girar os conceitos e ideologias; as bases e epistemes; os valores e princípios em direção à descentralização do saber, do poder e do ser.

Assim, pelos anos de 1990, o Grupo Latino-Americano dos Estudos Subalternos tem como marco de sua origem o texto de Aníbal Quijano “Colonialidad y modernidad-racionalidad” que colocou a América Latina no debate pós-colonial. No entanto, um outro nome importante desse grupo, Mignolo, questiona o espelhamento dos estudos latinos nos estudos indianos, rompendo e inaugurando o Grupo Modernidade/Colonialidade. Nos anos 2000, outro importante estudo foi publicado, “La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales”. O grupo Modernidade/Colonialidade funciona como uma investigação acerca dos conceitos a partir da criação de um vocabulário próprio que ventila os estudos latino-americanos do século XXI.

Segundo Ballestrin (2013) o conceito de colonialidade do poder foi inaugurado por Quijano, em 1989, que de forma resumida compreende que as relações coloniais perduram mesmo após a destruição do colonialismo. Mignolo (2017) amplia o conceito e defende que a colonialidade é uma matriz colonial de poder (MCP), um bicho de quatro cabeças e duas pernas entrelaçados por economia; autoridade; gênero e sexualidade; e conhecimento e subjetividade. Havendo, ainda, a possibilidade de inserir a natureza como uma quinta cabeça, ou de entendê-la como pertinente ao humano.

Vale ressaltar, ainda, que esses domínios da matriz colonial estão sustentados por duas pernas que são os fundamentos raciais e patriarcais. Uma representação desses fundamentos é que as expressões *européu*, *português*, *índio*, que antes eram demarcações meramente geográficas, a partir das relações de dominação colonialistas, passam a ser associados com identidades hierárquicas.

Segundo Quijano (2005) a identidade racial passa a ser utilizada como forma de classificação social, ou seja, a criação do sujeito *Outro* como o diferente, o exótico é uma ideia colonial (Kilomba, 2020). Com a imposição do capitalismo, as novas identidades históricas com base em raça foram associadas com a divisão social do trabalho, apesar de serem categorias independentes, se articulam inaugurando a divisão racial do trabalho. Em suma, o que antes era sinalização geográfica passa a compor a tessitura de uma distribuição racista do trabalho que durou por todo o período colonial e se apresenta arraigada na contemporaneidade.

Quijano (2005) descreve o processo de constituição de diferentes imposições do capitalismo frente ao trabalho - desde a escravidão, servidão e o trabalho assalariado - a partir da definição de quais populações eram preteridas para cada tipo, quando afirma que “a inferioridade racial dos colonizados implicava que não eram dignos do pagamento de salário” (Quijano, 2005, p. 220).

Nesse contexto, o autor nos coloca que, diante de tal construção do novo padrão de poder mundial, há uma nova intersubjetividade que atribui ao europeu valor de produção de conhecimento, de cultura, de subjetividade e ao sujeito *Outro* um lugar inferior e dito primitivo.

Em suma, para compreender o giro decolonial na base do pensamento de Krenak (2019) é necessário sistematizar a colonização em

três passos largos e contundentes: expropriação das populações colonizadas; a repressão do universo simbólico dos colonizados; e a imposição das crenças dos colonizadores, como por exemplo, o cristianismo. É um colonialismo do poder, do saber e do ser. Portanto, o giro decolonial como colocado por Ballestrin (2013) precisa ser de bases, epistêmica, teórica e política.

A repressão do universo simbólico do colonizado, por exemplo, fundamenta o estranhamento que nos causa as reflexões de Krenak (2019) ao afirmar que as populações do seu território se guiam pelo “comportamento” da montanha rochosa. Isto porque, a episteme, a teoria e a política nos condicionaram à meteorologia como conhecimento central na compreensão dos movimentos climáticos

“Essa perspectiva binária, dualista, de conhecimento, peculiar ao eurocentrismo, impôs-se como mundialmente hegemônica no mesmo fluxo da expansão do domínio colonial da Europa sobre o mundo” (p. 122).

Outro importante aspecto apontado por Quijano (2005) é sobre a modernização ser vendida como sinônimo da ocidentalização das sociedades, juntamente com o capitalismo e o eurocentrismo. O autor nos aponta que sem a objetificação do corpo como natureza não existiria a distinção de certas raças como inferiores.

Para pensar e vivenciar toda essa estrutura de poder colonial e os esforços decoloniais, *ideias para adiar o fim do mundo* é, sem dúvida, uma influente produção. É a manifestação de Ailton Krenak como possuidor de uma perspectiva singular sobre o mundo, permeando suas atividades de escritor, filósofo e ativista indígena. Krenak ecoa como uma das vozes mais proeminentes nesse contexto pós-colonial. Sua prestigiada trajetória como líder político remonta à década de 1980, tendo participação nos artigos que

tangem aos direitos dos povos indígenas na Constituição de 1988 e tendo contribuído na idealização da Fundação Nacional do Índio (FUNAI). Além disso, organizou a Aliança dos Povos da Floresta e esteve presente na criação da União das Nações Indígenas. Seu reconhecimento como intelectual é constantemente agraciado com recebimento de títulos e prêmios por conta de sua coleção de obras impactantes. Em 2023 foi eleito o primeiro indígena a ser membro da Academia Brasileira de Letras.

Sem perder a tecnologia ancestral da oralidade, questiona sobre a construção da ideia de humanidade iluminista importada à força pelos povos da América; argumenta que essa ideia de uma humanidade esclarecida vinda da Europa constitui coerção e legitimação da colonização do mundo; alega que a ideia de iluminação, por parte da Europa, a uma outra humanidade obscurecida, como fundamentada numa “concepção de verdade universal” e aponta para existência de “um jeito de estar aqui na Terra” (Krenak, 2019, p. 8).

Metodologia

Este artigo é fruto da disciplina de Etnoconhecimento e educação escolar, vivenciada no Mestrado em Educação da Universidade Regional do Cariri - URCA, no segundo semestre de 2023. Uma disciplina itinerante, cujas aulas aconteceram no formato de oficinas vivencias, no território do Cariri, tomando como ponto de partida o município do Crato e o campus do Pimenta onde funciona o MPEDU. As oficinas se deslocavam dentro do território a partir das marcas de territorialidade, quais foram as relações entre o tema, o texto de fundamentação e as especificidades do *locus* da imersão.

Vale ressaltar que de acordo com Haesbaert (2009), mais do que traduzir “o que é” ou “o ser” do território é importante pensar o seu devir, ou seja, as práticas acionadas sob as mais diferentes dimensões.

(...) a territorialidade é o acontecer de todas as atividades cotidianas [...] resultado e determinante do processo de cada território, de cada lugar; é múltipla, e por isso, os territórios também o são, revelando a complexidade social, e ao mesmo tempo, as relações de domínios de indivíduos ou grupos sociais com uma parcela do espaço geográfico, outros indivíduos, objetos, relações (SAQUET, 2010, p. 129).

Nessa perspectiva do acontecer das atividades cotidianas, a disciplina tomou por imersão a realização da aula-vivencial numa simbiose entre o que havia sido proposto por ocasião dos marcadores do currículo e as práticas do *locus*.

A oficina que estamos apresentando teve como tema desencadeador da imersão Ecologia dos saberes; como texto fundante a obra Ideias para adiar o fim do mundo (Krenak, 2019); e como *locus* o Instituto Aldeia da Luz. As duas primeiras dimensões foram apresentadas na estrutura da disciplina a partir das decisões acadêmicas das docentes responsáveis pela disciplina, Adriana de Alencar Gomes Pinheiro e Francisca Laudeci Martins Souza e a última, uma escolha dos discentes responsáveis pela imersão, Marcelo Cavalieri Teixeira e Rebecca Pinheiro Sedrim, em parceria com a segunda docente citada acima.

Conforme descrito no seu site:

A Aldeia da Luz tem como objetivo difundir e capacitar comunidades em tecnologias sociais e ecológicas como a permacultura, fomentar o auto-desenvolvimento humano e o movimento de abolição animal. Atua no propósito de constituir mercados bioempreendedores, orgânicos, locais, limpos, vegano (antiespecista), com base a sistemas agroecológicos que permitam segurança, soberania e autonomia alimentar, assim como percepções e estilo de cultura

humana antirracista e antimisógina para vivenciar modelos de sociedades humanas justas, onde existam relações cooperativas, colaborativas e amorosas entre todos os seres – humanos e não humanos – da Terra e do Cosmos, para uma a era da vida. (<https://institutoaldeiadaluz.com>. Capturado em 29 de abril de 2024).

Assim, instituímos a Aldeia da Luz como *locus* de construção política e científica para cumprimento da relação tema-texto-locus. Ou seja, considerando as reflexões presentes em Krenak (2019), o tema da oficina e os objetivos do Instituto estava composta a rede de relações que se desejava.

Para maior compreensão dessa relação apresentamos a seguir os objetivos do Instituto apresentados no seu site.

- Fomentar políticas públicas na bioregião do Cariri cearense para regeneração dos ecossistemas como o bioma caatinga;
- Contribuir para tornar consciente a percepção que construa realidades prósperas, pacíficas e abundantes;
- Incentivar o aprendizado de outras configurações existenciais que permitam promover o bem estar ambiental e fisiológico, gerando harmonia;
- Impulsionar a educação territorial na prosperidade ecológica social e espiritual; promover novos sistemas de comunicação;
- Contribuir para perceber outros mapas mentais que permitam criar diferentes ideias, produtos ou processos para garantir a vida;
- Contribuir para a percepção de um mundo equilibrado em sintonia com as leis naturais do universo;
- Colaborar para que as identidades humanas confluem e se aceitem no seu legítimo outro desde uma consciência ecológica, social cultural e espiritual;
- Engajar empresas, educar o público e inspirar consumidores a fazer escolhas alimentares compassivas, éticas e ambientalmente responsáveis;
- Possibilitar um apoio educacional de consciência das relações dos humanos aos não humanos ou sistemas não humanos;
- Proporcionar os meios para reterritorializar a cultura dos povos originais mesoamericanos;
- Estimular as práticas de saúde popular, terapias e tecnologias integrativas de saúde;

- Criar projetos culturais para fomento de práticas artísticas e expressões de comunidades regionais como teatro, música, gastronomia, literatura, audiovisual, cultura popular, dança e todo e qualquer tipo de arte que eleve a consciência e o sentimento de pertencimento de comunidades autóctones.
(<https://institutoaldeiadaluz.com>. Capturado em 29 de abril de 2024).

A oficina contou com o seguinte roteiro: meditação guiada para conexão com o espaço; fala inicial acerca da obra de Krenak (2019); discussão em grupo acerca da fábula do Mito do Cuidado que fala sobre a história do Universo e da Vida; compartilhamento de uma alimentação de base vegana; e fala integrativa e interativa das responsáveis pelo Espaço Rejane Ferreira, presidente e Fanka Santos, fundadora. A culminância se deu a partir de roda de conversa final integrando a vivência.

Como formato para compartilhamento científico da oficina através deste artigo escolhemos, o relato de experiência – RE.

De acordo com Mussi, Flores e Almeida (2021) o RE se propõe descrever uma experiência significativa a fim de contribuir para o processo de aprendizagem; “[...] sua valorização por meio do esforço acadêmico-científico explicativo e por meio da aplicação crítica-reflexiva com apoio teórico-metodológico e enquanto conhecimento científico” (p. 64).

Resultados e Discussões

A vivência no Instituto Aldeia da Luz oportunizou uma experiência imersiva do conceito de Bem Viver, propiciando pensar a decolonialidade em sua tradução prática.

Ao experienciar o lugar, percebemos as construções sustentáveis feitas de areia, utilizando técnicas ancestrais. Essa preocupação arquitetônica, bem como as disposições dos espaços, além de integrar a

sustentabilidade, pensa a partir de uma visão holística e harmoniosa com a natureza. Utiliza-se de conhecimentos preservados na tradição cultural e tem a finalidade de preservar os recursos naturais, refletindo a harmonia possível na relação humanidade e natureza.

A escolha ética alimentar da dieta vegana praticada no Instituto dialoga com as reflexões de Krenak (2019) pois além dos impactos relacionados a emissões de gases de efeito estufa e o desmatamento, a produção de proteína de origem animal está ligada à nossa tradição política e econômica, que tem suas raízes no colonialismo. Mais que isso, a alimentação vegana estimula a reconexão das riquezas vegetais; seus sabores, texturas e nutrientes.

A visão Pacha Mama está presente no design promovido pela permacultura que permeia todo o lugar. Numa preocupação séria de contabilizar os recursos que entram na Aldeia da Luz, em comparação com os resíduos que sai, mostra o comprometimento com a harmonia do planeta e a interdependência de todos os seres.

A autenticidade é uma marca notável na Aldeia da Luz, nossa experiência de campo permitiu que vivenciássemos a aplicabilidade das filosofias decoloniais e do Bem viver, inspirando futuras práticas que podem ser replicadas em diferentes contextos. Os aprendizados se estendem para além da Aldeia da Luz, mostrando a viabilidade de se pensar novas formas de viver e fortalecer cada vez mais as ideias pra adiar o fim do mundo.

A partir das evidências e práticas encontradas na Aldeia da Luz, percebemos, de forma tangível, a importância da busca incessante por equilíbrio, observando a promoção de diferentes saberes e modos de vida, sempre promovendo a coletividade em detrimento da competitividade. A

Aldeia desafia o conceito de desenvolvimento atrelado ao consumo e o crescimento linear. O cotidiano da Aldeia é um processo contínuo em busca do equilíbrio ambiental.

Ademais, vimos o espaço como um exemplo vivo de ações sociais, culturais e ambientais que visam restaurar e regenerar os ecossistemas, se consolidando, assim, como um *locus* fecundo de práticas educativas que exploram de maneira prática os conceitos de decolonialidade e Bem Viver.

Em termos krenakianos, a Aldeia da Luz teima em dançar uma outra coreografia civilizatória, habita o lugar do sonho e fabrica de forma artesanal paraquedas coloridos, divertidos e prazerosos.

Considerações Finais

O formato imersivo na disciplina Etnoconhecimento e educação escolar, ministrada no segundo semestre do ano de 2023, no MPEDU teve um papel muito importante no fortalecimento da nossa concepção dos conceitos de Bem Viver e Decolonialidade e suas relações com territorialidade Cariri cearense.

A metodologia fundamentada na itinerância foi uma oportunidade singular de encontro entre discentes, docentes e ativistas responsáveis pelos espaços onde aconteceram as aulas vivências. Um laço entre a universidade e a comunidade numa perspectiva de ruptura, inclusive, dessa dicotomia.

Foram experiências práticas de territorialidade na região do Cariri cearense. Especificamente nessa oficina, tivemos a oportunidade de articular a temática da Ecologia dos saberes, a importância da diversidade política e científica para a compreensão do território educador do Cariri; o

mergulho nas leituras em torno do giro decolonial, bem viver, decolonialidade e as ideias para adiar o fim do mundo.

O Instituto Aldeia da Luz nos inspira ao dizer de Gilberto Gil na sua música refazenda: abacateiro, acataremos teu ato, nós também somos do mato como o pato e o leão. Aguardaremos, brincaremos no regato até que nos tragam frutos teu amor, teu coração. Abacateiro, serás meu parceiro solitário nesse itinerário da leveza pelo ar. Abacateiro, saiba que na Refazenda tu me ensina a fazer renda, que eu te ensino a namorar.

Com Krenak, Mignolo, Quijano, Balestrin, Haesbaert Kilomba, Acosta, Gil, Chico César (e muitos outros) *Refazendo tudo, Refazenda*.

Referências

ACOSTA, A. **O Bem Viver**: uma oportunidade para imaginar outros mundos. São Paulo: Autonomia Literária, Elefante, 2016.

BALLESTRIN, L. América latina e o giro decolonial. **Revista Brasileira de Ciência Política**, n. 11. Brasília, 2013, p. 89-117.

CÉSAR, C. **Reis do agronegócio**. São Paulo: Laboratório Fantasma: Estado de Poesia: 2015. Spotify (11 min.).

GOHN, Maria da Glória. Movimentos sociais na contemporaneidade. **Revista Brasileira de Educação**, v.16, n.47, p.333-361, 2011.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização**: do "fim dos territórios" à multiterritorialidade. 4ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

KILOMBA, G. **Memórias de plantação**: episódios do racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2020.

KRENAK, A. **Futuro ancestral**. São Paulo: Editora Schwarcz, 2022.

KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Editora Schwarcz, 2019.

MCNEILL, JOHN; ENGELKE, Peter. **The Great Acceleration: An Environmental History of the Anthropocene since 1945.** Cambridge: Harvard University Press, 2014.

MEADOWS, Donella; RANDERS, Jorgen; MEADOWS, Dennis. **The Limits to Growth.** The 30-Year Update. Chelsea Green Publishing, 2004.

MIGNOLO, W. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. **RBCS**, v. 32, n 94, 2017.

MUSSI, R. F. de F.; FLORES, F. F.; ALMEIDA, C. B. de. Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. **Revista Práxis Educacional**, v. 17, n. 48, p. 60-77, 2021.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. In: A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. **CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2005.** Disponível em: <https://shre.ink/DKv4>.

SAQUET, M. A. **Abordagens e concepções de território.** 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

SOLÓN, P. (org.). **Alternativas sistêmicas: Bem Viver, decrescimento, comuns, ecofeminismo, direitos da Mãe Terra e desglobalização.** Tradução de João Peres. São Paulo: Elefante, 2019.

Revista Interdisciplinar Encontro das Ciências – ISSN: 2595-0959, V. 7, N. 2, 2024

Conflito de interesses

Os autores declaram não haver conflito de interesses.

Contribuição dos autores

Concepção e conceitualização: RPS, MCT, FLMS

Redação do manuscrito original: RPS, MCT

Curadoria de dados: RPS, MCT, FLMS

Análise de dados: RPS, MCT, FLMS

Redação textual: RPS, MCT, FLMS

Supervisão: FLMS

Financiamento

Não houve financiamento.

Consentimento de uso de imagem

Não se aplica.

Aprovação, ética e consentimento

Não se aplica.
